

LOBATO NA ESCOLA

Coleção LETRAS E ENTRELINHAS

Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*

- *Lobato na escola: roteiro de leitura da obra infantil e juvenil. Livro I, VV.AA.*
- *Lobato na escola: roteiro de leitura dos contos. Livro II, VV.AA.*

MILENA RIBEIRO MARTINS
(Org.)

LOBATO NA ESCOLA

roteiro de leitura
dos contos

LIVRO II



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lobato na escola: roteiro de leitura dos contos: livro 02 / organizado por Milena Ribeiro Martins. – São Paulo: Paulus, 2022.

Il., color. Coleção Letras e entrelinhas.

Bibliografia

ISBN 978-65-5562-536-3

1. Livros e leitura 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação I. Martins, Milena Ribeiro III. Série

22-1424

CDD 372.4

CDU 372.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Livros e leitura

Direção editorial: *Sílvia Ribas*

Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Luciana Mourão Maio*

Coordenação de arte: *Daniilo Alves Lima*

Projeto gráfico: *Karine Pereira dos Santos*

Ilustrações: *Marcos Garutti*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS - 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

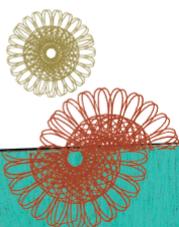
Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-536-3

SUMÁRIO

- 7** INTRODUÇÃO
Convite à leitura dos contos
de Monteiro Lobato na escola
Milena Ribeiro Martins
- 15** CAPÍTULO 1
“Meu conto de Maupassant”,
um causo ouvido num trem?
Luís Camargo
- 31** CAPÍTULO 2
“O mata-pau”: crimes e tradições
sertanejas
Milena Ribeiro Martins
- 51** CAPÍTULO 3
“Urupês”: leitura guiada
Milena Ribeiro Martins
- 67** CAPÍTULO 4
“Vidinha ociosa”, pequenos quadros
das cidades mortas
Luís Camargo
- 83** CAPÍTULO 5
“Negrinha”, protesto contra
“a dura lição da desigualdade”
Luís Camargo
- 117** CAPÍTULO 6
“Os negros”: desnudamento do
“mito do senhor benevolente”
Luís Camargo



- 145** **CAPÍTULO 7**
Contos rurais e urbanos:
continuidade e aprofundamento da leitura
Milena Ribeiro Martins
- 159** **CAPÍTULO 8**
“A nuvem de gafanhotos”: pobres-diabos
Milena Ribeiro Martins
- 169** **CAPÍTULO 9**
O conto e o contar na história
Kátia Chiaradia
- 185** **REFERÊNCIAS**
- 199** **SOBRE OS AUTORES**



Introdução

Convite à leitura dos contos de Monteiro Lobato na escola

Milena Ribeiro Martins

Este livro é um convite para professores(as), estudantes de Letras, bibliotecários(as) e todos os que se envolvem com formação de leitores para explorarmos juntos a obra de Monteiro Lobato, um dos mais importantes escritores brasileiros.

Nascido em Taubaté, em 1882, Lobato estudou na Faculdade de Direito em São Paulo (1900-1904), atuou como promotor de justiça em Taubaté e Areias (1905-1910) e, depois, como fazendeiro, em Buquira (1911-1917), cidade que receberia o nome do escritor.¹ Durante essas duas décadas, ele escreveu uma significativa quantidade de contos e artigos e publicou-os em periódicos variados, alguns pequenos, no iníciozinho da carreira, outros de circulação nacional. Dentre seus artigos desse período, destacam-se “Velha praga” e “Urupês”, publicados em 1914, no jornal *O Estado de S. Paulo*; neles aparece, pela primeira vez, o personagem Jeca Tatu, que cedo se tornou um símbolo nacional. Em 1918, tendo vendido a fazenda e se mudado

¹ Para informações biográficas a respeito de Monteiro Lobato, recomendamos os livros de AZEVEDO, CAMARGOS E SACCHETTA (1997) e LAJOLO (2000).

para São Paulo, Lobato comprou a *Revista do Brasil*, periódico cultural do qual ele era colaborador, e, por meio da revista, iniciou suas atividades como editor. O primeiro livro de sua autoria lançado sob o selo das “Edições da Revista do Brasil” foi *Urupês*, uma coletânea de doze contos e um artigo que teve um enorme sucesso de público e de crítica, tendo se tornado um *best-seller*.

Seu sucesso se deve, entre outros motivos, ao modo de representação do caipira paulista, distinto da idealização dominante:

Na visada crítica e corrosiva do escritor, confrontam-se dois mundos: um urbano, que aspirava ao cosmopolitismo europeu; e um rural, esmagado por sua implacável condição de atraso [...]. A originalidade do ponto de vista de Lobato sobre o universo rural brasileiro causa furor em certos setores da sociedade, na medida em que o escritor questiona mitos românticos a respeito do campo e de sua gente, ainda amplamente difundidos no século XX e típicos de um nacionalismo eufórico (CECCANTINI, 2014, p. 47-48).

Vários contos de *Urupês* têm por desfecho mortes trágicas. Lobato era um grande admirador de Edgar Allan Poe, escritor norte-americano famoso por narrativas de suspense, crimes e mortes, e que foi um dos principais teóricos do conto moderno. O escritor francês Guy de Maupassant também estava entre seus autores favoritos; em sua obra, Lobato admirava a brevidade, a visualidade e o

efeito produzido pelo enredo sobre o leitor. Trataremos de alguns desses elementos nas análises dos contos a seguir.

Do livro *Urupês*, propomos, nas páginas seguintes, a leitura e análise dos contos “O mata-pau” e “Meu conto de Maupassant”, e do artigo “Urupês”. E mencionamos, de passagem, aspectos de alguns outros contos, como “Bocartorta”, “A colcha de retalhos”, “A vingança da peroba”.

No ano seguinte a *Urupês*, em 1919, Lobato publicou *Cidades mortas*, uma coletânea de contos e outros textos de gêneros variados, entre os quais se incluem “Vidinha ociosa” e “Um homem de consciência”, que analisaremos adiante. Seu segundo livro de contos reúne uma série de narrativas, muitas delas ambientadas em cidades pacatas da região do Vale do Paraíba (SP), que haviam sido importantes produtoras de café, antes da decadência. O escritor analisa, no artigo de abertura, a ruína deixada para trás, uma vez que os grandes cafeicultores migraram para o oeste do estado de São Paulo em busca de terras mais férteis.

Na análise da historiadora Tania de Luca, Lobato traçava, nesse artigo, “um retrato contemporâneo da triste herança do café”. Ela continua:

O texto inicial da obra pode ser visto como um manifesto que, ao mesmo tempo, critica o modelo econômico predominante no país, ancorado na exploração predatória das riquezas naturais, e estabelece a grande linha de força do livro. O diagnóstico não provinha de um curioso, mas de alguém que conhecia de perto a

realidade examinada e contabilizava larga e diversificada vivência na região (LUCA, 2012, p. 50-51).

Em 1920, Lobato lançou o livro *Negrinha*, um “filhote de livro”, que reunia apenas seis contos. Edição após edição, o livro foi progressivamente acrescido de outros contos, de tal forma que deixou de ser um filhote, cresceu e ganhou corpo. No núcleo original, isto é, nos seis contos da primeira edição, observa-se a centralidade de personagens negros, ex-escravizados ou filhos de escravizados, que, décadas depois do fim do regime escravocrata, eram tratados como restos indesejáveis. Os contos em que há personagens negros importantes são “Negrinha” (que analisaremos adiante), “O jardineiro Timóteo” e “O bugio moqueado”. Os demais contos do livro não fogem a essas questões sociais:

A marginalidade de certos grupos sociais, pobres mas não apenas negros, está presente também em “As fitas da vida” e em “O imposto único” (depois intitulado “O fisco”). Essas narrativas lançam luzes sobre aspectos das transformações urbanas e sobre o modo de produção rural, que, afetando as relações entre patrões e empregados, alteraram as relações humanas. Os personagens atingidos por essas transformações sociais são o foco de boa parte das narrativas de *Negrinha* [...] (MARTINS, 2014, p. 119).

Em 1921, Lobato publicou “Os negros”, uma novela – isto é, uma narrativa ficcional mais longa do que um conto, menos concentrada, com maior variedade temporal e

de núcleos narrativos. Inicialmente, a novela foi publicada como livro, numa coleção popular vendida a preços bem baratos; em anos seguintes, passou a integrar o livro *Ne-grinha*, adensando o aspecto temático já mencionado.

Nas páginas seguintes, proporemos também uma análise dessa novela, importante para a reflexão contemporânea sobre a representação de negros escravizados e livres na literatura brasileira. A respeito da representação social feita no conto, Hélio Guimarães considera que, na novela,

os negros são ainda menos que nada, [são] os para-raios e os pontos extremos das desigualdades e da violência que organizam o sistema de alto a baixo. O conto se encarrega de nos lembrar de que na pobreza as cores fazem muita diferença (2014, p. 141).

Em 1923, Lobato publicou seu último livro de contos: *O macaco que se fez homem*. Nele há uma variedade de contos novos, com elementos temáticos e estruturais mais audaciosos, como um incremento no uso da metaficção, da paródia e da intromissão do narrador:

A metaficção [...] aqui associada à paródia como traço moderno, revela o processo de escrita do conto e, propositalmente, não deixa o leitor esquecer que está diante de uma ficção [...]. Além disso, na produção de Lobato, a metaficção se apresenta no uso de alguns recursos gráficos para produzir efeitos de sentido: pontos de interrogação simulam incompreensões, dúvidas, descrédito, e

espaços em branco na página simulam mudanças de cenário ou de tempo narrativo. Referências explícitas a parênteses e reticências, por exemplo, e à segmentação de palavras sob os olhos idealmente atentos do leitor explicitam que literatura é constructo, é objeto artístico, e que seus eventuais traços de identidade com o real são possíveis, embora não devam ser desconhecidos os seus limites (BETTIOL, 2020, p. 98).

Talvez por conta desses elementos estruturantes, que exigiam maior habilidade do leitor, associados à crise política e econômica que atingiu o estado de São Paulo em 1924, o livro não fez tanto sucesso como os anteriores, o que explica a inexistência de reedições imediatas. Ainda assim, os contos de *O macaco que se fez homem* continuaram circulando em outros livros: em reedições de *Cidades mortas* e *Negrinha*, Lobato incluiu (em cada um) metade dos contos do livro de 1923. É isso que explica algumas das principais diferenças entre a primeira edição de seus livros e a edição das *Obras completas*, organizadas pelo escritor por volta de 1946, nos seus últimos anos de vida.

Desse livro, analisaremos adiante o conto “A nuvem de gafanhotos” e faremos menção a outros, como “Duas cavalgadas” e “Marabá”.

Nos capítulos que compõem este livro, propomos atividades que visam acompanhar a leitura dos contos de Monteiro Lobato, chamando a atenção para seus elementos internos, de modo a propiciar uma leitura crítica e significativa, não só dos seus temas, mas do modo como a

literatura se constrói. São atividades e reflexões que se fundamentam em princípios educacionais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Pensadas especialmente para situação escolar, nada impede que elas também sejam desenvolvidas em grupos de estudos ou clubes de leitura.

Esperamos que professores(as) e jovens leitores(as) aceitem o convite para ler conosco os contos de Lobato, acompanhando as propostas de análises e participando delas de modo ativo, crítico e criativo.

DESEJAMOS BOAS LEITURAS!